

Educação e alteridade: deslocamento de Arlequim a Pierrô

Santos, Maria Emanuela Esteves dos

Veröffentlichungsversion / Published Version

Zeitschriftenartikel / journal article

Empfohlene Zitierung / Suggested Citation:

Santos, M. E. E. d. (2012). Educação e alteridade: deslocamento de Arlequim a Pierrô. *ETD - Educação Temática Digital*, 14(1), 251-267. <https://nbn-resolving.org/urn:nbn:de:0168-ssoar-313079>

Nutzungsbedingungen:

Dieser Text wird unter einer Free Digital Peer Publishing Licence zur Verfügung gestellt. Nähere Auskünfte zu den DiPP-Lizenzen finden Sie hier: <http://www.dipp.nrw.de/lizenzen/dppl/service/dppl/>

Terms of use:

This document is made available under a Free Digital Peer Publishing Licence. For more Information see: <http://www.dipp.nrw.de/lizenzen/dppl/service/dppl/>

EDUCAÇÃO E ALTERIDADE: DESLOCAMENTOS DE ARLEQUIM A PIERRÔ

EDUCATION AND OTHERNESS: PASSAGES FROM ARLEQUIM TO PIERROT

Maria Emanuela Esteves dos Santos¹

Resumo

A proposta deste artigo é refletir sobre educação e alteridade a partir da filosofia de Michel Serres, que, por ser um filósofo das relações, fornece elementos instigadores e desafiantes. Consideramos que a educação só se efetiva em circunstâncias em que há uma acolhida real ao diferente; isto é, a diferença, nesta perspectiva, é condição fundamental de todo ato educativo. Para pensar a educação, assim compreendida, o principal referencial deste artigo é a obra *Filosofia mestiça*, de Michel Serres, mais precisamente, o prólogo da obra, no qual o filósofo apresenta a história de Arlequim, aquele que no final se transforma em Pierrô. Com Arlequim, Serres leva a pensar a acolhida ao diferente, através da multiplicidade, do multicolor e da mestiçagem, elementos constituintes desse personagem multifacetado. Porém, o processo educativo não termina aí. Ao final, a resultante das tantas marcas impressas pelos diferentes encontros é a soma branca, isto é, Arlequim se transforma em Pierrô. É na passagem de Arlequim a Pierrô que a educação, enquanto relação com a alteridade, se evidencia em *Filosofia mestiça*. Este trabalho se propõe, pois, a pensar as condições de uma acolhida hospitaleira à diferença.

Palavras-chave: Michel Serre, 1930-. Educação. Alteridade.

Abstract

*The proposal of this article is to reflect upon education and otherness taking Michel Serres's philosophy as background. Considering he is a philosopher of relations, Serres offers challenging and thought-provoking ideas for this article. Here, we consider that education is accomplished only in circumstances in which difference is truly welcomed, that is, difference, from this perspective, is a fundamental condition for every education act. In order to reflect upon education, so understood, the main reference of this article is Michel Serres's *Le tiers-instruit* (translated into English as *Troubadour of Knowledge*), more precisely the prologue to that book, in which the author presents Harlequin's story, who eventually becomes Pierrot. With Harlequin, Serres stimulates us to reflect upon the welcome to difference through multiplicity, cross-breeding, through that which is multicolour; features of a multifaceted character. However, the education process does not finish there. In the end, the results of many a mark, branded by several encounters, is the white sum, that is, Harlequin becomes Pierrot. It is in the change from Harlequin into Pierrot that education, as a relation with the otherness, becomes evident in *Le tiers-instruit*. This paper, thus, intends to reflect upon the conditions for a hospitable welcome to difference.*

Keywords: Michel Serre, 1930-. Education. Otherness.

¹ Doutoranda e mestre em Educação pela Universidade Estadual de Campinas. Pesquisadora do Grupo Diferenças e Subjetividades em Educação (FE/Unicamp). Professora orientadora de Trabalhos de Conclusão de Curso no Núcleo de Educação a Distância da Universidade Federal de São João Del-Rei. E-mail: manu_esteves@yahoo.com.br – São João Del-Rei – MG – Brasil.

INTRODUÇÃO

A princípio, este artigo não se destaca pela originalidade de sua proposta, ou seja, pensar educação e alteridade. Muito se tem produzido nos últimos anos neste sentido. A produção é grande, tanto quanto sua discussão nos ambientes educacionais. Esta recorrência deixa transparecer, no entanto, um desgaste da questão devido ao seu uso indiscriminado e mecânico, o qual se escusa a uma busca real do significado do outro e da relação intrínseca e originária com a educação. Além disso, o uso excessivo e inapropriado de uma ideia, sem promoção do novo ou da mudança, resulta em uma retórica terrivelmente enfadonha e cansativa.

Isso porque as circunstâncias nas quais o discurso em prol da alteridade se tem inserido nos ambientes educacionais evidenciam-se pela superficialidade no trato da questão. Fala-se em aceitar o diferente, respeitar a diferença, sem uma procura efetiva da dimensão que essa proposta é suscetível de alcançar. No discurso persistente de atenção ao diferente, observa-se, na verdade, uma substancial ignorância do que uma ação nestes termos implica.

De fato, o que a grande parte dos discursos educacionais pretende é a captura completa do outro, submetendo sua diferença às categorias do mesmo, do conhecido e dominado. Mas a diversidade não se presta a essa redução, ela é intensa. Nas palavras de Skliar (2003, p. 29), por “ser caótico, obscuro e ainda retraído”, o diferente não se deixa apanhar, ele sempre escapa. Logo, a diferença é *inominável*, isto é, indizível. Toda tentativa de nomear o outro acaba por resultar em produção de simetrias em que a ordem é instabilidade, incompreensão, imprevisibilidade e indeterminação.

Consciente de sua natureza indizível ou inominável, da intensidade de sua existência, este artigo não pretende seguir pelos caminhos traçados até o momento pelos discursos educacionais, caminhos que tentam conter a diferença e suas potencialidades. Ainda nas palavras de Skliar (2003, p. 29):

O outro já foi suficientemente massacrado. Ignorado. Silenciado. Assimilado. Industrializado. Globalizado. Cibernetizado. Protegido. Envolto. Excluído. Expulso. Incluído. Integrado. E novamente assassinado. Violentado. Obscurecido. Branqueado. Anormalizado. Excessivamente normalizado. E voltou a estar fora e a estar dentro. A viver em uma porta giratória. O outro já foi observado e nomeado o bastante como para que possamos ser tão impunes ao mencioná-lo e observá-lo novamente. O outro já foi medido demais como para que tornemos a calibrá-lo em laboratório desapaixonado e sepulcral.

Essa não é a intenção deste artigo, e aqui ele se diferencia por sua proposta, pela especificidade de sua abordagem. Uma vez que não se pretende mais violentar o diferente, dominá-lo, prendê-lo nas teias sufocantes de nossa compreensão, o que fazer? Certo, não é possível controlá-lo, apreendê-lo, nomeá-lo, como tanto se tentou fazer em vão. Mas ele “está aí”, é uma realidade viva que não cessa de se evidenciar a cada instante, que não se deixa apanhar, porque em toda nova aparição é outro, é um diferente que nunca se repete, nunca retorna. Mas ele “está aí”, está em todas as partes, surge, se impõe, se faz presente. Não é possível apreendê-lo, tão menos ignorá-lo, não se *deve* ignorá-lo, “porque sem o outro não seríamos nada [...] só ficaria a vacuidade e opacidade de nós mesmos, a nossa pura miséria” (SKLIAR, 2003, p. 29). O que nos resta?

Resta acolhê-lo. Acolhê-lo com uma receptividade hospitaleira, que acolhe na paz a diversidade incompreensível e indomada. Que recebe dela o que ela tem a oferecer e que também doa o que é seu. Receber o diferente, essa é a proposta que este artigo faz. Uma proposta não de pensar a diferença, não de se enveredar pelas retóricas infundáveis e inaudíveis que tentam submeter o diferente, nem de se perder nas pobres moralizações do valor da alteridade. Mas, sim, partindo do ponto que o outro existe, que ele está aí, estabelecer as condições de possibilidade de uma real acolhida deste outro radical, que não se deixa compreender, mas está aí, possível de ser relacionado, vivido, encarnado. Por outro lado, ao evidenciar essas condições de possibilidade, a relação educação e alteridade já estará definida, por si mesma, em toda a sua potencialidade, como realidade constitutiva do movimento de acolhida e receptividade ao outro. E para pensar esse movimento de acolhida ao diferente, como não recorrer a Michel Serres, o filósofo das relações?

Enquanto muitos pensam que o filósofo deve ter uma base, um princípio, que deve se manter estável sobre um fundamento, que deve ficar no mesmo lugar, Michel Serres acredita, por sua vez, que é preciso vaguear, deixar-se arrastar pelas flutuações, pois os objetos mudam e os lugares também. É preciso seguir as relações que são modos de deslocamentos ou de errância. Neste sentido, Serres diz que:

Temos o costume de abstrair segundo um certo estilo ou tipo de abstração, que tem geralmente por base verbos ou substantivos: “o ser”, ou “eu penso”, “a causalidade”, “a liberdade”, “a essência”, “a existência”, “a imanência”, “a transcendência”, e assim por diante. Verbos e substantivos, este é o modo de abstração, desde Platão até Heidegger. O conceito filosófico se enuncia, por excelência, através de um substantivo ou de um verbo [...] Considere agora os títulos dos livros: *Interférence, Traduction, Passage du Nord-Ouest, Feux et signaux de brume...?* Seu tipo de abstração se dá no deslocamento [...] Não abstraio, portanto, a partir de qualquer coisa ou operação, mas ao longo de uma relação, de um contato. A leitura de meus livros pode parecer difícil porque isto muda e move o tempo todo. Esta mudança, estas transformações, errâncias, travessias, seguem ou inventam em cada viagem, o caminho de uma relação [...] É preciso, então, pegar o gesto enquanto ocorre a relação e continuá-la; não há nem começo, nem fim, existe um tipo de vetor. Isso mesmo: penso vetorialmente. Vetor: veículo, sentido, direção, flecha do tempo, índice de movimento ou de transformação. (SERRES, 1999, p. 154-155)

Logo, o esforço de abstrair ao longo das relações faz de Michel Serres um filósofo, não dos substantivos e verbos, como se encontra nas filosofias tradicionais, mas um filósofo das *pre-posições*. As preposições, ao contrário dos substantivos e verbos, são elementos de movimento, de instabilidade, mudança e transformação. Elas são, ainda, elementos brancos, assépticos, capazes de tomar qualquer direção. Isolados, esses elementos não significam nada, mas, no conjunto, são a ponte, o meio do caminho, como o diria Serres, *entre* a passagem de um sujeito a um predicado. Elementos que fazem a ligação, o deslocamento, a relação entre as palavras, são as preposições, pois, que permitem a Serres flutuar por uma rede complexa, ligeira, sempre distante do equilíbrio, com bordas e fronteiras imprecisas, pois, afinal, nem tudo é sólido e fixo.

Pre-posições: como nomear melhor as relações que precedem toda posição? Imagine, portanto, labaredas que dançam [...] essa cortina carmesim que flutua, lança braços imensos, desaparece, dilacera-se, invade o espaço e ilumina, para morrer subitamente, no escuro [...] ao invés de abstrair a partir de substantivos, isto é, dos conceitos, ou dos verbos, ou seja, operações, e mesmo dos advérbios ou dos adjetivos que estão ao lado do substantivo ou do verbo, abstraio “em direção a”, “por meio de”, “por”, “de”, etc., ao longo das preposições. Sigo-as como se adota uma direção: toma-se, depois se abandona. Dir-se-ia que o sábio gramático que as batizou assim, adivinhava que elas precediam toda posição possível. Uma vez que tenha composto a trilha destes espaços-tempos que precedem toda tese - tese quer dizer posição - poderei morrer. Terei feito o meu trabalho. (SERRES, 1999, p.156-157)

Daí a sua atração pela topologia, a qual ele chama de ciência das vizinhanças e das transformações contínuas ou dilaceradas, pela teoria da percolação e pela noção de mistura. Com sua filosofia das preposições, Serres é capaz de fazer a inteligência entrar no tempo, nas veredas e nas flutuações, as mais rígidas, as mais vivas, as mais sutis. Por considerar o fluxo das transformações, o qual demonstra que as relações engendram objetos, seres e atos, não o

inverso, ele cria uma filosofia que segue o ritmo da turbulência, ou da dança das labaredas. “Vamos, de pé, corra, salte, mexa-se, dance; como o corpo, a inteligência requer o movimento, sobretudo movimentos sutis e compostos.” (SERRES, 1999, p.159).

Assim, é por meio dessa filosofia das relações que considera a instabilidade, a transformação, o movimento que pretendemos pensar a acolhida ao diferente. Por meio das preposições de Serres, tentaremos pensar a passagem entre o mesmo e o diferente. Pegaremos um caminho, conscientes de ser este o mais fiel possível à complexidade da diferença, uma vez que ele não se estabiliza; ao contrário, constitui-se como o momento que antecede a toda estabilidade ou posição; como lugar meio de uma relação, onde, acreditamos, a educação, enquanto encontro com a alteridade, se constitui e evidencia em toda sua realidade.

Especificamente, voltaremos nossa atenção para obra *Filosofia mestiça* (1993), na qual Serres vagueia pelas relações de aprendizagem que se desenvolvem no encontro com o outro, ao descrever a formação de um aprendiz que tem sua educação pautada na pluralidade do mundo e das coisas e na tolerância à alteridade (OLIVEIRA; SANTOS, 2007, p. 124). A obra é composta de três partes: *Criar, Instruir, Educar*. No entanto, estrategicamente situada no prólogo da obra, está *Laicidade*, a história de Arlequim, aquele que, ao final, se transforma em Pierrô.

Nesse prólogo, Serres condensa as principais reflexões de sua *Filosofia mestiça*. A partir dele, temos elementos para compreender as três partes que se seguem; e não só para compreender essas partes, mas também para evitar que as palavras e as argumentações nelas contidas congelem, vitrifiquem a ideia principal, que é da ordem da intensidade. Segundo Serres, os personagens, por vaguearem pelas paisagens do mundo (Arlequim e Pierrô), conseguem, muito além dos conceitos e das palavras, reunir as singularidades capazes de encarnar o ideal pedagógico de mestiçagem, isto é, de acolhida à alteridade. Assim, a história de Arlequim, com seus personagens, seus atos, suas emoções, está na obra como aquela presença impertinente e incômoda, que a todo o momento muda o rumo dos acontecimentos, confunde, faz retomar, repensar a compreensão; faz tomar o caminho de volta e tentar novamente. A proposta de pensar educação e alteridade a partir da história de Arlequim é, portanto, uma proposta aberta e incondicional, fecunda de ressignificações constantes e infinitas, sempre mais propícia a uma reflexão que busca acolher a diferença.

A HISTÓRIA DE ARLEQUIM²

Laicidade

De volta de uma inspeção às terras lunares, Arlequim, imperador, aparece no palco para dar uma entrevista coletiva. Que maravilhas viu, atravessando lugares tão extraordinários? O público está na expectativa de grandes extravagâncias.

- Não, não - ele responde às perguntas que o pressionam -, em toda parte tudo é como aqui, em tudo idêntico ao que se pode ver comumente sobre o globo terráqueo. Só mudam os graus de grandeza e beleza.

Decepcionado, o auditório não acredita: lá fora, obviamente, tem que ser diferente! Será que ele não conseguiu observar nada durante a viagem? Primeiro mudos, estupefatos, todos começam a se agitar, enquanto Arlequim repete doutamente a lição: nada de novo sob o Sol, nada de novo na Lua [...]

Altivo, Arlequim desafia a platéia com um desdém e uma arrogância ridículos.

No meio da sala, que se torna tumultuada, algum belo e maldoso espírito se levanta e estende a mão para indicar o casaco de Arlequim.

- Hei – grita ele – você aí, que diz que tudo em toda parte é como aqui, quer que a gente acredite também que sua capa é feita de uma mesma peça, tanto na frente como na traseira?

Atônito, o público não sabe mais se deve calar-se ou rir. De fato, a roupa de rei anuncia o inverso do que ele pretende. Composição desconhecida, feita de pedaços, de trapos de todos os tamanhos, mil formas e cores variadas, de idades diversas, de proveniências diferentes, mal alinhavados, justapostos sem harmonia, sem nenhuma atenção às combinações, remendados segundo as circunstâncias, à medida das necessidades, dos acidentes e das contingências, será que mostra uma espécie de mapa- mundi, o mapa das viagens do artista, como uma mala constelada de marcas? O lá-fora, então, nunca é como aqui. Nenhuma peça se parece com qualquer outra, nenhuma província poderia jamais ser comparada com tal outra, e todas as culturas diferem [...]

- Tu te vestes como o roteiro de tuas viagens? – diz ainda o belo espírito pérfido.

Todo mundo ri. Eis o rei apanhado e envergonhado.

² Reproduzimos o prólogo de *Filosofia mestiça* praticamente na íntegra, para não perder a riqueza dos detalhes que ele contém. Todavia, alguns poucos recortes foram feitos, em razão do espaço determinado ao artigo. Consideramos, entretanto, que os elementos mais representativos da história não deixaram de ser apresentados.

Arlequim logo advinha a única saída para o ridículo da situação: basta tirar este casaco que o desmente [...] Arlequim se despe. Após muitas caretas e contorsões inábeis, acaba por deixar cair aos seus pés o casaco disparatado.

Um outro envoltório cambiante aparece então: por baixo do primeiro véu, ele usa um segundo farrapo. Estupefata, a platéia ri de novo. É preciso então recomeçar, já que o segundo envoltório, semelhante ao casaco, se compõe de novas peças e de velhos pedaços. Impossível descrever a segunda túnica se repetir, como uma litania: tigrada, matizada, zebrada, constelada...

Arlequim continua então a desvestir-se. Sucessivamente aparecem uma outra roupa mourisca, uma nova túnica recamada, em seguida uma espécie de véu estriado e ainda uma malha ocelada, multicolorida... A sala explode, cada vez mais surpreendida. Arlequim nunca chega ao último traje, enquanto o penúltimo reproduz exatamente o antepenúltimo: diversificado, compósito, rasgado... Sobre si, Arlequim traz uma camada espessa desses casacos de arlequim [...]

De repente silêncio. Seriedade e até gravidade descem sobre a sala, eis o rei nu. Retirado, o último disfarce acaba de cair.

Estupor! Tatuado o Imperador da Lua exhibe uma pele multicolor, muito mais cor do que pele. Todo corpo parece uma impressão digital. Como um quadro sobre uma tapeçaria, a tatuagem – estriada, matizada, recamada, tigrada, adamascada, mourisca – é um obstáculo para o olhar, tanto quanto os trajes ou os casacos que jazem no chão [...].

A platéia tenta rir ainda, mas não consegue: seria preciso talvez que o homem se esfolasse. Assobios, apupos... pode-se pedir a alguém para arrancar a própria pele?

Ei-lo agora desvendado, entregue sem defesa à intuição. Arlequim é hermafrodita, corpo mesclado, macho e mulher. Escândalo na sala, perturbada até as lágrimas. O andrógino nu mistura os gêneros sem que se possam distinguir as vizinhanças, lugares ou bordas onde terminam e começam os sexos: homem perdido na fêmea, mulher mesclada com o macho. Eis como ele ou ela se mostra: monstro [...].

Arlequim – Hermafrodita serve-se das duas mãos, não como ambidestro, mas como canhoto completado, destro até do lado esquerdo, viu-se claramente quando ele se despia, suas capas dando viravoltas nos dois lados [...].

Que nos poderia exhibir agora o monstro comum, tatuado, ambidestro, hermafrodita e mestiço sob a própria pele? Sim, o sangue e a carne. A ciência fala de órgãos, de funções, de células e de moléculas, para finalmente confessar [...] mas ela nunca se refere à carne que,

precisamente, designa, num dado lugar do corpo, aqui e agora, a mistura de músculos e de sangue, de pele e de pêlos, de ossos, de nervos e de funções diversas, que mescla aquilo que o saber pertinente analisa. Arlequim põe à mostra, para terminar, a sua carne. Misturados, a carne e o sangue mestiço de Arlequim parecem confundir-se ainda com um casaco de arlequim.

Há algum tempo, numerosos espectadores já tinham deixado a sala, cansados dos golpes teatrais frustrados, irritados com essa vira-volta da comédia em tragédia, tendo chegado para rir, decepcionando-se por ter que pensar [...].

Quando todos já estavam virando as costas, quando os candeeiros davam sinais de fraqueza e sentia-se que naquela noite a improvisação terminaria em fiasco, alguém lançou um súbito apelo, como se algo novo estivesse acontecendo num lugar onde tudo, até então, se repetira. O público inteiro se voltou de um só golpe e todos os olhares convergiram para o palco, dramaticamente iluminado pelos últimos fogos moribundos dos projetores.

- Pierrô! Pierrô!- gritaram – Pierrô lunar!

No lugar exato do Imperador da Lua erguia-se agora uma massa ofuscante, incandescente, mais clara que pálida, mais transparente, diáfana, lilácea, nevada, cândida, pura e virginal, inteiramente branca.

- Pierrô! Pierrô! – gritaram ainda os tolos, quando a cortina se fechou.

Eles saíram perguntando:

- Como as mil cores do casaco podem se dissolver numa soma branca?

- Assim como o corpo – respondiam os doutos – assimila e retém as diversas diferenças vividas durante as viagens e volta para casa mestiçado de novos gestos e de novos costumes, fundidos nas suas atitudes e funções a ponto de fazê-lo acreditar que nada mudou para ele, também o milagre laico da tolerância, da neutralidade indulgente, acolhe na paz, todas as aprendizagens, para delas fazer brotar a liberdade de invenção e, portanto, de pensamento. (SERRES, 1993, p. 1-5).

ARLEQUIM: O MESTIÇO

O lá fora, então, nunca é como aqui...

Quem é Arlequim em *Laicidade*? Arlequim é o que esteve fora, é aquele que partiu; que conheceu o exterior; que esteve em outro lugar, que, por ser outro, não pode ser o mesmo que aqui. E, de fato, não é, pois Arlequim voltou mestiço, multicolor, com seu corpo marcado

pelos diversos encontros que empreendeu em suas viagens. Assim, se ele é múltiplo como seus casacos; se tem marcado em seu corpo o diferente vivido em suas trajetórias, é porque o lá fora, o externo, nunca é igual ao aqui. No exterior tudo é diferente, e essa diferença deixa marcas que o compõem, que o constroem, que fazem parte de seu ser. Portanto, Arlequim é prova viva e pulsante de que a diferença existe, está lá fora e, tanto existe, que ele as acolheu em seu corpo.

o corpo assimila e retém as diversas diferenças vividas durante as viagens e volta para casa mestiçado de novos gestos e de novos costumes, fundidos nas suas atitudes e funções a ponto de fazê-lo acreditar que nada mudou para ele.

Arlequim é, então, o personagem que irá nos levar pelos caminhos daquele que vai ao encontro do diferente e o acolhe; em outras palavras, ele é o personagem que nos ensina a viver a diferença como diferença, aceitando-a enquanto alteridade, como um outro, e não o submetendo a categorias do igual. Arlequim não violenta a diversidade, ele convive com ela, ele a acolhe, de uma acolhida verdadeira, que, por ser verdadeira, deixa marcas em seu corpo, tornando-se parte de seu ser, constituindo sua singularidade.

Mas como um encontro deste tipo pode ocorrer? Quais as condições, as circunstâncias para essa acolhida verdadeira? São respostas que Serres traz ao longo de *Filosofia mestiça*. Analisemos mais detalhadamente a obra.

Como foi apresentado anteriormente, *Filosofia mestiça* se organiza em três partes: *Criar, Instruir e Educar*. Nestas três partes, podemos dizer que Serres trilha o caminho pelo qual enveredou Arlequim, na busca do encontro com o diferente, ou seja, ele demonstra de que maneira e em quais circunstâncias Arlequim se constitui um mestiço a partir dos encontros com alteridade.

Vamo-nos deter mais especificamente em *Criar*. Este é o momento inicial, o ponto de partida da viagem, onde, é possível dizer, Serres apresenta todas as condições necessárias à acolhida do diferente. Nas outras partes da obra, o filósofo apenas continua a jornada do aprendiz que partiu rumo à diversidade. Esta primeira parte, portanto, se faz mais relevante aos nossos questionamentos, uma vez que é através dela que podemos compreender de que maneira é possível constituir uma educação que acolhe a alteridade.

O curioso é que em *Criar* surge, com intensidade, a figura do mestre, que, para Serres é “aquele que contraria” (SERRES, 1993, p. 9), isto é, que não deixa ficar no mesmo lugar; que faz deslocar; ou que tira da segurança própria das certezas imutáveis. Logo, mestre não é aquele que ensina algo, traz informações e conteúdos, mas, sim, aquele que, por meio

destes, faz surgir uma postura, uma conduta. Conduta ou postura de abandono das certezas, das verdades, dos saberes que se julga ter. Se nada é fixo e nem sólido, se a realidade é mutável, instável, porque constituída pela alteridade, pelo diferente, é preciso, então, partir, não se fixar por muito tempo. A conduta mais própria ao saber é o movimento.

Contudo, para Serres, o mestre contraria porque age como uma força oposta à natureza de estabilidade, de não deslocamento, que nos caracteriza (OLIVEIRA; SANTOS, 2007, p. 138). Essa natureza faz tender a ficar onde tudo é igual e conhecido. Afinal, mudar, buscar o diferente e acolhê-lo não é tarefa das mais fáceis, custa sofrimento e incertezas. Por isso, o mestre é sempre necessário nessa busca do diferente, pois, na primeira oportunidade, muitos voltam a se refugiar em condutas de estabilidade, “como se tendessem para o equilíbrio fundamental” (SERRES, 1980 *apud* OLIVEIRA; SANTOS, 2007, p. 138).

Assim, a figura do mestre, nos processos de acolhida à alteridade, é central e decisiva para que essa conduta aconteça. É ele quem cria as condições do encontro real com o diferente. Criadas as condições, todo o resto é consequência. Serres não deixa de destacar a educação, enquanto encontro com a alteridade, como uma tarefa solitária. Segundo ele, o aluno se *autoengendra* a partir de seus encontros com outro. No entanto, mesmo sendo a educação uma tarefa solitária, o mestre se faz necessário sempre, como aquele que cria as condições de possibilidade dessa educação pautada no movimento em direção à diferença. O mestre, então, deixa de ser *aquele que educa*, para ser o que *leva* à educação.

Ao movimento de contrariar e fazer partir, Serres acrescenta, ainda, um outro, de igual importância: o desprendimento. Em nada adianta partir, se, ao partir, não se deixar para trás tudo o que se tem. Sem desprendimento, não existe mudança. O deslocamento só acontece quando se deixa tudo; quando não se leva nada. De outra maneira, o deslocamento é ilusório. Pensa-se que partiu, mas na verdade, nunca se abandonou o lugar; de fato, não se moveu nem sequer um milímetro da posição inicial.

Um exemplo de desprendimento que Serres traz é o de Diógenes:

Diógenes, o mendigo, abandonou tudo [...] deixou todo interior: [...] o interior quente do grupo, deixou a sociedade. Diógenes abandonou tudo, duvidou de tudo. Reduziu tudo ao que é, sem ilusão, discurso ou firulas. Saiu da dura casa, tirou a vestimenta imprecisa, escapou das relações viscosas, nu, sozinho, em seu barril, o Cínico [...] Creia em Diógenes mais que em todo outro retórico da dúvida radical. Não os escute quando dizem que duvidam, eles não abandonaram seu manto, [...] seu dinheiro, sua progressão no grupo, sua potência ou sua glória medíocre. (SERRES, 1980, p. 117-118)

Assim como Diógenes, é preciso abandonar tudo e partir levando consigo apenas o corpo, porque é somente na miséria, no nada, nesse desprendimento completo que deixa sem referências, que o diferente encontra espaço para ser, e a alteridade vem ao encontro do educando. Ao abrir mão de tudo o que se tem e voltar ao estado do nada: nada saber; nada ter; nada ser, o aluno está fora e neste “fora” está preparado para receber a diferença. O aprendiz se torna, pois, um espaço hospitaleiro da diversidade.

As condições necessárias de exposição e acolhida à diferença, que Serres apresenta em *Criar*, podem, então, ser resumidas assim: *contrariar, lançar para fora, fazer desprender*. Dessa maneira, percebemos que, para Serres, acolher o diferente em sua constituição, sem submetê-lo a nenhuma violência – pelo contrário, considerando-o em sua diversidade própria, exige uma conduta de esforço e desprendimento que não são fáceis de empreender. Por isso, a necessidade indispensável do mestre como aquele que permite superar o conforto e o aconchego da estabilidade, pois a natureza, por si mesma, não permite essa conduta de desprendimento e abandono das certezas.

Logo, superada a natureza e criadas as condições, o aprendiz segue seu caminho rumo ao encontro com a diversidade. Ao final desse encontro, ele já não será como antes, ele será outro, um outro que é a soma dos encontros que promoveu, cada vez que um mestre o contrariou; o lançou à errância; o fez estar fora, desprovido de tudo. Este outro se torna, então, uma singularidade composta pelas diversas marcas que a acolhida ao diferente lhe deixou; ele se torna Arlequim: o mestiço.

PIERRÔ: A SOMA BRANCA

[...] *também o milagre laico da tolerância, da neutralidade indulgente, acolhe, na paz, todas as aprendizagens, para delas fazer brotar a liberdade de invenção e, portanto, de pensamento.* (SERRES, 1993).

Como Arlequim se transformou em Pierrô?

Mais do que evidenciar as condições necessárias à formação de um aprendiz mestiço, mestiço porque aberto à alteridade, Serres faz refletir sobre em que implica uma formação pautada nesta conduta. Isto é, o filósofo demonstra quais as potencialidades de uma educação que busca o múltiplo, o movimento e a instabilidade própria da diferença. No que ela resulta, o que ela produz são conclusões essenciais a nos fazer conscientes do sentido para o qual essa educação, ou essa conduta, conduz.

É pelo valor do branco, representado por Pierrô, que Serres estabelece esse sentido. Para ele, o sentido da educação mestiça é a soma branca, assim como o sentido de Arlequim é Pierrô. Dessa forma, a trajetória da mestiçagem é semelhante à luz, uma vez que ela também tem suas diversas cores dissolvidas no branco. É, ainda, como um dominó em branco no jogo das diferenças, ou seja, aquele elemento indiferenciado capaz de tomar a identidade de todas as outras fichas e que pode mudar o jogo para uma direção completamente diferente (BROWN, [199-?], p.13).

O branco, para Serres, é, portanto, possibilidade em todos os sentidos; é incandescência, isto é, capacidade para fazer tudo, para ser tudo; capacidade de novos encontros, novos acolhimentos. Mas não só isso. É também capacidade de produção, de invenção, de criação de algo singular pelos agenciamentos diversos que empreendeu. Logo, o branco de Pierrô é, ao mesmo tempo, retorno à condição de desprendimento que possibilita novas acolhidas ao diferente e possibilidade de criação do novo, a partir das muitas cores, das muitas marcas que já lhe são constitutivas.

Sobre a passagem de Arlequim a Pierrô, Serres diz que:

Rumo a um primeiro limite, a multiplicidade multicolorida estimula e reforça a singularidade, como se fornecesse a principal tonalidade ao conjunto do quadro. No outro limite, ela reencontra a universalidade [...] O que de exclusivo no homem? Exatamente esse tipo de mistura. Incandescente como Pierrô; supercolorida e misturada como Arlequim. Quanto mais você imprime os outros sobre o eu, mais ele se afirma em sua singularidade, pois nenhum outro apresenta essa tonalidade marcante, mais ele se dirige a uma soma tão branca quanto à tábua de cera inicial. Essa brancura pode constituir-se de uma cor única ou de uma integração de todas elas. Pierrô tende para Arlequim, Arlequim tende para Pierrô. (SERRES, 2005, p. 112)

Quanto à causalidade que pode ser deduzida deste movimento: Pierrô tende para Arlequim, Arlequim tende para Pierrô, é importante destacar a particularidade que a envolve e que, por sua vez, evidencia uma complexidade fundamental à compreensão da passagem de Arlequim a Pierrô e vice-versa. Para Serres, essa causalidade, diferentemente do que se conclui a princípio, não se constitui como um movimento ordenado, preestabelecido e cíclico, mas, sim, como um movimento semicíclico, no qual nunca se pode definir quando, como e de que maneira a passagem acontecerá.

Na verdade, não há uma necessidade lógica, nem preestabelecida, entre as múltiplas conexões que pode haver nas diversas marcas que constituem Arlequim e que, inevitavelmente, culminam em Pierrô. Por outro lado, Pierrô, em sua incandescência, não

culminaria sempre, imediatamente, e da mesma forma, em Arlequim. Segundo Moraes (2000, p. 3), neste tipo de movimento “a causalidade não é irreversível, ela implica uma retumbância do efeito na causa. Há uma série de perturbações, desvios, retroalimentações que reverberam sobre a causa”. Nesse sentido, Serres diz, ainda, que “esta teoria da causalidade semi-cíclica tem aplicações extremamente numerosas e variadas. Tem a vantagem de aniquilar a irreversibilidade lógica da conseqüência e a irreversibilidade temporal da seqüência: a origem e a recepção são simultaneamente efeito e causa” (SERRES, [s.d.], p. 15, *apud* MORAES, 2000, p. 3).

Portanto, Arlequim tende para Pierrô, Pierrô tende para Arlequim. São movimentos que, para se concretizarem, ultrapassam, primeiro, uma complexidade de conexões, de recuos e avanços próprios de uma desordem produtiva, da qual surge, a todo momento, uma ordem diferente e enriquecida de combinações novas. Em outras palavras, cada vez que surge, Arlequim, tanto quanto Pierrô, é outro, é um diferente, pois as conexões que o formaram são únicas e impassíveis à repetição.

Mesmo diante da causalidade semicíclica, que concede à constituição de Pierrô e Arlequim esse caráter de complexidade e singularidade, estes dois personagens constituem, independentes das conexões que o formaram, valores comuns que sempre lhes serão característicos: Arlequim, o valor da acolhida hospitaleira à diferença; Pierrô, o valor da incandescência, da possibilidade em todos os sentidos e da condição para novos encontros.

Em poucas palavras, é possível dizer que o sentido da educação que se orienta pela acolhida verdadeira da alteridade é, pois, este da soma branca. Ao associar todas as cores advindas de seus encontros com o outro, Arlequim se singulariza; entretanto, não só se singulariza como também, ao se tornar branco, volta a ser um espaço indiferenciado capaz de receber a todos novamente. Assim, quanto mais se mestica, mais Arlequim sabe que é preciso estar disposto a novos encontros com o diferente, porque a diferença nunca cessa de acontecer, e a realidade é instável. O sentido da educação pela acolhida à alteridade é este, de criar um aprendiz que nunca para de se movimentar e de buscar o novo.

Mas, mais do que isso, Pierrô, ao representar a tolerância que acolhe na paz a multiplicidade do mundo, a diversidade dos saberes, das posições e das aprendizagens, faz surgir, segundo Serres, a liberdade de invenção e de pensamento, fim último da educação. Temos, então, resumida a passagem de Arlequim a Pierrô: primeiro, encontro com a alteridade, alteridade nas ciências, no mundo e nos corpos sociais; depois desses encontros,

possibilidade de pensar ou de inventar, de criar sua própria obra. Finalmente a educação acontece, pois

a invenção é o único ato intelectual verdadeiro, a única ação inteligente. O resto? Cópia, impostura, reprodução, preguiça, batalha, sono. Só a descoberta desperta. Só a invenção prova que se pensa de verdade a coisa que se pensa, seja qual for esta coisa. Penso, portanto, invento; invento, portanto, penso: a única prova de que um sábio trabalha ou de que um escritor escreve. Para que trabalhar, para que escrever, se não assim? Nos outros casos, eles dormem ou se batem e se preparam para morrer. Repetem. Só o sopro criativo dá vida, pois a vida inventa. A ausência de invenção prova, pela contraprova, a ausência de obra e de pensamento. Aquele que não inventa trabalha em outro lugar que não a inteligência. Burro. Em outro lugar que não a vida. Morto. (SERRES, 1993, p. 108-109)

Logo, pensar a educação enquanto acolhida à alteridade é pensar uma formação cujo objetivo principal é, segundo Serres, o único ato intelectual verdadeiro: a invenção. Ato real de pensamento, somente em razão do qual a educação acontece. Portanto, criar as condições de acolher a diferença é, em outras palavras, possibilitar as condições para o aprendiz criar. E essa educação para a invenção, surge, essencialmente, *em Pierrô e para Pierrô*. Assim, Pierrô representa o princípio e o fim da trajetória de uma educação pautada no encontro com a diferença. Em Pierrô princípio, a hospitalidade que recebe a todos confortavelmente, um nada que pode ser tudo. Por outro lado, em Pierrô fim, a riqueza dos diversos encontros, potencializada por conexões diversas, que levam à criação do novo, à invenção. No princípio, a acolhida ao diferente é multiplicidade. No fim, é criação, invenção, liberdade de pensamento.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo tentou pensar educação e alteridade a partir da filosofia de Michel Serres, que, por ser um filósofo das relações, traz particularidades desafiadoras para a abordagem que pretendemos fazer. Sua proposta quanto à relação entre educação e alteridade é, de fato, inquietante e audaciosa, de maneira que podemos concluir, em uma primeira impressão, ser ela ingênua e impossível de viabilizar. Temos consciência do alcance da proposta que é feita: acolhida incondicional da diferença; abandono de todas as certezas; miséria; hospitalidade para todos; mestiçagem; invenção.

Todavia, acreditamos que, para não incorrer nos mesmos erros em que os discursos educacionais têm incorrido, ou seja, para não incorrer no barateamento da questão; no uso mecanicista e inaudível do termo; na violência da diferença em razão do mesmo, do estável e

imutável, é preciso voltar para uma proposta que considere o diferente, enquanto diferente, que o considere em sua intensidade improvável, imprevista e inconstante. E uma proposta assim constituída não é fácil de empreender, pois, como afirmou Serres, ela vai de encontro à nossa natureza de estabilidade, conforto e segurança.

Mesmo contra a nossa natureza, que tende a reduzir tudo às categorias do igual, considerar a diferença em sua realidade própria tem se tornado cada vez mais pertinente, principalmente porque já se percebeu que é na diferença que os processos educativos se constituem por excelência. Nesse sentido, a filosofia de Serres esclarece que a conduta mais adequada para lidar com a diferença em sua intensidade é a da acolhida, nada mais. É preciso estar aberto, pronto para recebê-la sempre que ela surgir. E, dessa acolhida, deixar que surjam no corpo marcas que irão constituir a singularidade do aprendiz.

Acolher, para Serres, no entanto, não significa concordar, reter, tomar para si aquela diferença, uma vez que, para concordar, é preciso ter parâmetros, e o aprendiz mestiço não tem nada, ele abandonou tudo para ir a este encontro; reter, tomar para si aquela diferença também não é possível, pois o aprendiz mestiço é um passante, um errante que só leva marcas desordenadas das experiências que viveu com a alteridade. Acolher a diferença significa, então, ir verdadeiramente ao encontro dela, com a disposição sincera de deixar que ela se apresente; que ela se mostre em sua constituição; e depois partir em direção a novos encontros. Nessa trajetória constante, o aprendiz não tem um porto seguro no qual possa descansar; não tem certezas das quais possa se valer e, no aconchego da repetição, se refugiar. O destino dele é outro, mais árduo, mais doloroso, com certeza. Entretanto, é o único destino para o qual uma educação verdadeira conduz: à criação de sua própria obra, à liberdade de pensamento. O aprendiz mestiço só consegue chegar a este destino, se antes passar por toda alteridade, das mais contraditórias às mais semelhantes. É apenas, pois, nesta trajetória, em que se apreende o dinamismo da diferença, que o aprendiz se torna livre para criar a sua própria diversidade.

Assim, *De Arlequim a Pierrô: possibilidades de pensar educação e alteridade* pretendeu demonstrar quais as condições necessárias para o aprendiz seguir esta trajetória. Todavia, mais do que evidenciar as condições para estar junto, para ir ao encontro da diferença, este artigo também se voltou para outra conduta fundamental: a do afastamento, do abandono dessa alteridade que se buscou. Pois, de outra forma, se, ao invés de partir, se ficasse, perder-se-ia a riqueza da diferença, porque já não seria mais o outro, instável, intenso, mas, sim, o mesmo conhecido e dominado.

Logo, o que fizemos neste artigo foi tentar demonstrar de que maneira é possível viver junto à diferença sem violentá-la ou agredi-la em sua intensidade, para, dessa convivência passiva, recolher os benefícios que a tolerância e a hospitalidade podem proporcionar. Para tanto, é preciso saber estar junto e, ao mesmo tempo, separado. Nas palavras de Serres:

Viver junto exige uma capacidade auditiva refinada e a sutileza do veludo quando se trata de lidar com o afastamento e o aconchego, com os prolongamentos e rupturas, com o esquecimento e a lembrança, com o contínuo e suas interrupções, com a separação e o abandono, elementos favoráveis ou segredos daquilo que os cientistas denominam topologia, a sutil ciência da proximidade e dos intervalos, do aberto e do fechado, dos caminhos inacessíveis ou dos que se podem prolongar. Abrir os braços, mas em que direção, com que afastamento e por quanto tempo? Viver junto pressupõe, simultaneamente, o com e o sem, a presença atenta e ausência cruel, a ternura vibrante e, num mesmo minuto, a brusca ruptura, acompanhar o mais próximo possível, mirar o horizonte, voar rumo ao ponto central do voo e dele se afastar tranquilamente, sem nunca deixar de observar as montanhas, as tonalidades de um paredão e os dentilhões de uma certa geleira, o mar e as irisações multicoloridas sob o vento desses locais, os insetos e as outras espécies que nos circundam, a coletividade dos homens e o mundo das coisas. Simultaneamente, solidariedade e afastamento. (SERRES, 2005, p. 246)

Solidariedade e afastamento para que a alteridade continue a ser alteridade, este é o sentido pelo qual este artigo procurou se orientar.

REFERÊNCIAS

BROWN, Steven. D. **Michel Serres: myth, mediation and the logic of the parasite**. Disponível em: <<http://devpsy.lboro.ac.uk/psygroup/sb/Serres.htm>> Acesso em: 2002.

MORAES, Marcia Oliveira. O conceito de rede na filosofia mestiça. **Revista Informare**, v. 6, n. 1, p. 12-20, 2000. Disponível em: <<http://www.necso.ufrj.br/MM/O%20Conceito%20de%20Rede%20na%20Filosofia%20Mestica.htm>>. Acesso em: 2005.

OLIVEIRA, Wanderley C.; SANTOS, Maria Emanuela Esteves dos. A educação como mestiçagem em Michel Serres. In: OLIVEIRA, Wanderley C.; PEREIRA, Lucia Helena Pena. (Org.). **Práticas educativas: discurso e produção de saberes**. Rio de Janeiro, RJ: E-papers, 2007.

SERRES, Michel. **Filosofia mestiça**. Trad. de Maria Ignez Duque Estrada. Rio de Janeiro, RJ: Nova Fronteira, 1993.

_____. **Le parasite**. Paris: Grasset, 1980.

_____. **Luzes:** cinco entrevistas com Bruno Latour. Trad. Luiz Paulo Rouanet. São Paulo: Editora Unimarco, 1999.

_____. **O incandescente.** Trad. Edgard de Assis Carvalho e Mariza Perassi Bosco. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.

SKLIAR, Carlos. **Pedagogia (improvável) da diferença:** e se o outro não estivesse aí? Rio de Janeiro, RJ: DP&A, 2003.

*Esta pesquisa foi financiada
pela Fundação de Amparo à
Pesquisa do Estado de São
Paulo – FAPESP.*

Recebido em: 14/10/2010
Publicado em: 29/06/2012